



Encontros nos banheiros: do virtual para o real?¹

Alan QUEIROZ²

Ana Cesaltina MARQUES³

Universidade Federal do Ceará – Fortaleza, Ceará

RESUMO

Este artigo é uma análise da socialidade contemporânea nos meios virtuais e como ela se expressa de maneira que os agrupamentos, as tribos formadas atinjam seus projetos iniciais de inteligência coletiva. Pegamos o caso específico da comunidade Banheiros de Fortaleza e, perpassando por uma discussão sobre os caracteres da pós-Modernidade que esculpem os comportamentos da atualidade, veremos como o cibercultura ajuda as pessoas na sua busca pela realização e satisfação sexual.

PALAVRAS-CHAVE: pós-modernidade; socialidade; tribos; inteligência coletiva.

INTRODUÇÃO

É a socialidade, como propõe Maffesoli, o cimento da vida cotidiana, a cola das relações sociais no mundo contemporâneo. E, a partir dessa perspectiva, trataremos neste artigo dessas relações que se apresentam na comunidade *Banheiros de Fortaleza*, no site de relacionamentos *Orkut*. Criada no dia treze de novembro de 2005, veio para agregar ao redor de suas discussões, promovidas quase diariamente, um conjunto de 839 membros – é bom ressaltar que esse número, desde quando a comunidade começou a ser observada, é bastante variável para mais ou para menos.

Esclarecimentos são necessários: passando furtivamente os olhos pelo nome da comunidade, muito pouco se depreende de seu conteúdo. Não debateremos sobre um grupo de trabalhadores de banheiros que trocam comentários sobre as agruras e aflições do árduo serviço ou de moças que se encontram para fofocar de seus parceiros ou de iguais; antes são homens, com faixas de idade variadas, mas em sua maioria jovens que marcam os famosos encontros às cegas – em que os participantes não sabem quem vão encontrar para manter relações de caráter sexual – nos banheiros – e somente neles. Não há menção de qualquer natureza a encontros nos quais o banheiro seja unicamente o ponto de encontro.

¹ Trabalho apresentado na Sessão Cibercultura e tecnologias da comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 5º semestre de Comunicação Social da UFC, e-mail: alansnq@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Mestranda em Comunicação pela UFC, e-mail: acesaltina@uol.com.br



O banheiro, para eles, é o fim e não o início. Todo o processo de agendamento e contatos, antes feitos nas portas dos sanitários e nas paredes, embora persistam nos shoppings, universidades, supermercados, bares e bibliotecas, têm sido feitos também nos meios virtuais. O ciberespaço, com seus programas de comunidades virtuais, inteligência coletiva e interconexão, expandiu as possibilidades para os que possuem a fantasia (ou pulsão) de manter contato íntimo com desconhecidos nos banheiros públicos e ainda manter-se anônimo e, por isso, incólume a quaisquer repressões sociais.

PARA QUEM É MACHO PÓS-MODERNO

A pós-Modernidade, além de tantas outras coisas, promoveu a ascensão do *homo estheticus*. Fica para trás o “*homo symbolicus* (o que filosofa, faz ciência, conhece a arte e possui uma religiosidade) e *sapiens* (o que é dotado da razão)” (POLISTCHUCK e TRINTA, 2003, p. 35) e surge, então, uma figura ou um símbolo que será um resumo, para o sociólogo Maffesoli, do espírito da época contemporânea: o homem da comunicação, ligado à estética, à imagem, mostrando que

“o paradigma estético é o elemento que permite englobar uma constelação de ações, de sentimentos, de ‘ambiências’ específicas do espírito dos tempos modernos. Tudo aquilo que diz respeito ao presenteísmo, ao senso de oportunidade, tudo aquilo que remete à banalidade e à força agregativa. Numa palavra, a ênfase no *carpe diem*, hoje novamente em voga, tem na matriz estética um lugar privilegiado” (MAFFESOLI, 2005, p. 86).

Esse *carpe diem* recuperado, esse hedonismo gritante, é uma das características dos novos tempos que vai possibilitar a formação de comunidades por interesses comuns. Mas isso é assunto para as próximas páginas, por enquanto, vamos esmiuçar com maior acuidade o que é a pós-modernidade e o que significam, em linhas gerais, essas transformações técnicas que acabam resvalando no comportamento do ser humano contemporâneo.

O *homo estheticus* só foi possível porque os modos de produção da humanidade criaram um ambiente propício de revolução tecnológica com as Revoluções Industriais (principalmente a primeira e a segunda) de maneira que houve uma *apropriação técnica do social*. Nesse sentido, posso citar o início do processo ainda na Inglaterra em que a técnica – a fábrica e suas máquinas pesadas – se apropriou da demanda social por emprego, os ex-habitantes das fazendas do interior, que vinham para as grandes cidades



por terem sido excluídos de suas terras através da Política dos Cercamentos. Nesse período de Modernidade, o homem só era minimamente detentor da técnica, o fordismo e o taylorismo, tempos depois, entraram nesse bojo e ressaltaram essa tendência à alienação trabalhista. Exatamente aqui, a Modernidade dava mostras de já estar esgotada: a natureza parecia perfeitamente controlável, o cientificismo do século XIX acabou de vez com quaisquer resquícios religiosos na detenção do saber, mas implantou em compensação a ciência como fonte única de verdade, indiscutível, até quase dogmática e o homem virou um deus na administração racional do mundo.

O refino tecnológico passou a criar máquinas mais inteligentes, menos dispendiosas e mais rápidas. A indústria pesada, que outrora necessitava de um contingente grande e variado de pessoas trabalhando simultaneamente, agora se usava de algumas poucas, escassas e raras que apenas operavam máquinas e produziam, durante o mesmo número de horas, quantidade infinitamente maior de produtos que antes. É nessa tentativa, nessa busca de uma produção intensa e qualificada, com repercussões sociais inevitáveis, que se aprofundou o desenvolvimento de novas tecnologias. Não à toa a sociedade via nesse processo um caráter progressista formidável: a aposta na máquina parecia a única saída para os problemas sociais humanos. Assim, a

“modernidade é a expressão da existência de uma mentalidade técnica, de uma tecnoestrutura e de uma tecnocultura que se enraíza em instituições, incluindo toda a vida social na burocratização, na secularização da religião, no individualismo e na diferenciação institucionalizada das esferas da ciência, da arte e da moral” (LEMOS, 2002, p. 62)

Mas somente com o advento dos *mass media* e da sociedade de consumo, é que teremos o fim da Modernidade, conhecida como fase do conforto, e o surgimento da fase da ubiqüidade, ou como é mais conhecida (e polemizada) a pós-Modernidade. Surge a microeletrônica, as redes telemáticas generalizadas; os estudos e pesquisas tecnológicas migram para um horizonte digital, conformações técnicas que privilegiam a ordem do imaginário. Brevemente, devo dizer que o prefixo *pós*, de pós-Modernidade, levanta questões e controvérsias: a idéia de finitude e impossibilidades que vem dele sugere um ambiente apocalíptico em que os problemas do homem nunca serão solucionados. A contemporaneidade, sem dúvida, enfrenta problemas. O mundo onde a realidade social desmaterializa-se e é simulada através de imagens hiper-reais, como nos fala Baudrillard, e o tempo como forma de aniquilar o espaço geográfico dão ao ser



humano os subsídios para a crise de identidade por que ele passa. Mas será que não há saída para o homem?

Vejamos: entrar no estudo da cibercultura é, segundo Lemos (2002), também perceber uma espécie de radicalização da *apropriação social da técnica*, das últimas décadas do século XX, em oposição à *apropriação técnica do social* que mencionamos um pouco antes. Está claro que essa relação se dá na medida em que os computadores pessoais se popularizam, igualmente ao acesso à Internet, fazendo emergir um movimento anônimo e amador, em sua maioria juvenil, distante dos grandes nomes e das grandes empresas ou mesmo das tutelas do Estado, que constrói e reinventa os espaços virtuais, onde nossa sociedade vai melhor expressar sua cultura:

“São os momentos de despesa improdutiva, de engajamentos efêmeros, de submissão da razão à emoção de viver o ‘estar junto’ que agrega determinado corpo social. Assim, é a socialidade que ‘faz sociedade’, desde as sociedades primitivas com seus momentos efervescentes, ritualísticos ou mesmo festivos, até as sociedades tecnologicamente avançadas com sua barroquiação através das imagens” (LEMOS, 2002, p. 3).

A socialidade contemporânea, oposta ao individualismo burguês e consumista da Modernidade, favorece a preponderância da tribalização de nossa sociedade. A fragmentação que é perceptível nas artes (com a literatura pós-Moderna estilizada), na política (com a política das minorias, os inúmeros partidos políticos e suas tendências particulares) também é visível nos movimentos sociais (extremamente recortados em diversos segmentos como as várias divisões do Movimento Gay ou do Movimento pela Reforma Agrária) e nas manifestações sociais, a despeito de qualquer caráter político, como os Emos, os Punks, etc. Assim, no território do simbólico, as pessoas se agregam em torno de interesses comuns. Se isso está claro no convívio social, físico, real, nas experiências do ciberespaço também.

No Brasil, o Orkut é expoente máximo de exercício dessa socialidade complexa que envolve memória e imaginário. De todos os membros participantes, a maioria esmagadora é de brasileiros. Essas pessoas se agregam em torno de interesses afins e, nesse bojo de pertencimento simbólico, há também – além do componente eminentemente pessoal de se sentir parte de um grupo, de uma tribo, adepto a um estilo de viver e de pensar – a necessidade de ser identificado pelo outro como produto daquele ambiente, com o mesmo arcabouço de experiências de várias ordens. Mais que isso, no ciberespaço, a procura não é por identidade, mas por identidades: com a criação de um perfil no Orkut, exercemos nossas multi-personalidades, anexamos diferentes



comunidades que podem ir da filosofia ou sociologia mais profunda à mais reles e baixa ação cotidiana.

É assim que o número de perfis falsos criados no Orkut é incontável. A comunidade *Banheiros de Fortaleza* está cheia deles – e não apenas ela que, por tratar obviamente de assuntos tabus, escondidos, marginais, de pulsões sexuais homoafetivas e, mais do que isso, bastante arriscadas e diferentes, pode suscitar medos e pudores (na tentativa de preservação de faces). Mas os *fakes*⁴ estão disseminados em comunidades banais e em outras que já se usam deles como requisito essencial para suas atividades⁵.

O fragmentado, o complexo e o caótico de nossa sociedade são apenas parcelas de uma tentativa que se iniciou há pouco tempo, não tem nem um século, e caminha na direção de uma forma de agregação social planetária, eletrônica e, por vezes, efêmera. Nesse sentido do eletrônico, Pierre Lévy (1999) acredita que, a despeito dos meios virtuais serem o fator coesivo desses sujeitos que podem ser amantes da filosofia de Heidegger ou simplesmente querem demonstrar que detestam acordar cedo, esse caráter de coesão e união transcende aos ciberespaços e não anula as relações travadas na vida real, por vezes, até a intensificam.

Assim, é que a pós-Modernidade e suas contradições estão longe de ser o apocalipse ou o fim dos tempos, porque apontam relações em que a alteridade é papel fundamental, o contato com o outro, os agrupamentos formados para reforçar a inteligência coletiva – como é o caso do nosso estudo aqui, e de muitos outros. Drummond, nosso querido poeta, escreveu um dos poemas mais bonitos de sua geração em que fala da corrida espacial e conclui que, depois de todo o espaço colonizado, possuído e racionalizado, resta ao homem “pôr o pé no chão do seu coração, experimentar, colonizar, civilizar, humanizar o homem, descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas a perene, insuspeitada alegria de con-viver”. É o que, a custo, o ser humano está tentando fazer.

LUGARES INUSITADOS PARA FAZER SACANAGEM (OU NÃO)

⁴ Popularíssima entre os jovens brasileiros, a palavra estrangeira *fake* significa, a rigor, aquilo que é falso. A acepção usada neste trabalho tem o mesmo sentido, designa perfis ou contas falsas de e-mail utilizadas para encobrir a identidade dos verdadeiros usuários.

⁵ Há comunidades que só permitem a entrada de usuários com contas falsas (normalmente, devem ser personagens de um filme ou livro) para simular ações como se estivessem de fato dentro da história de onde saíram.



Nossa sociedade é fartamente erótica. Morin afirma essa preponderância da sociedade contemporânea ao dionisíaco: as propagandas de dentifrício, por exemplo, transformaram um produto de higiene em um catalisador de beleza, de conquista e de apelo sexual.

“O erotismo se especializou e se difundiu. Especializou-se nos produtos de finalidade especialmente erótica, cuja publicidade devora as páginas das revistas (maquilagens, adornos, porta-seios, receitas para fortalecer os seios, etc.). Difundiu-se no conjunto do consumo imaginário: (...) não há *comics* sem heroína de decote picante, (...) não há revista sem *pin-up*.” (MORIN, 2005, p. 122)

Nos espaços virtuais, não poderia ser diferente: há um tropel sem fim de comunidades dedicadas a cultivar os corpos esculturais, as figuras sexualmente atrativas. Fotos dos membros mais bonitos são eleitas para figurar durante a semana ou o mês como a principal da comunidade – em alguns casos, o grupo chega a ser bem pedante ao dizer que ali só vale o que é belo, proibindo a entrada de qualquer mínima feiúra que porventura queira participar das eleições ou mesmo constar na lista de membros. E o erotismo dos *mass media* distribuiu a atração sexual pelo corpo. “A erotização do rosto, que é um fenômeno de civilização, corresponde a um enfraquecimento da sexualidade genital.” (MORIN, 2005, p. 123)

É assim que vemos, não apenas nas comunidades dedicadas exclusivamente à sexualidade como a que estamos trabalhando, mas em várias outras a preponderância de meninas de biquíni, seios quase à mostra, dorsos masculinos nus e bem definidos, sorrisos brilhantes. Na *Banheiros de Fortaleza*, encontramos dorsos a granel. E cuecas escondendo os órgãos genitais, mas os delineiam. Ou fotos que revelam apenas olhos ou bocas. Nus frontais são raros assim como sexo explícito. Em determinado sentido, a descrição da comunidade é bem clara: “Vc que é macho e curte ir nos banheiros para dar aquela olhadinha, brechar o carinha do lado, banheiros de festas, shows, shopping, estádios, academias ou clubes... Vamos deixar aqui dicas de banheiros de Fortaleza que são massas (sic) para a gente curtir numa boa. Obs.: Só Add⁶ perfil COM FOTO, não insista!”. O destaque para o termo *com foto* ressalta, obviamente, o caráter estético que deve haver nos perfis. Tanto que a maioria de membros representam-se na figura de

⁶ Outro estrangeirismo muito bem incorporado ao vocabulário orkutiano. Em inglês, significa, a rigor, adicionar, e nesta acepção quer dizer aceitar que alguém pertença a sua lista de amigos ou entre numa comunidade que necessita de pré-aprovação do moderador.



modelos bonitos – certamente diferentes da realidade muito menos glamourosa que a das páginas de revista e dos sites hiper-produzidos de onde foram extraídas.

E dessa descrição podemos depreender duas coisas: a primeira é que está explícito que gays com trejeitos femininos estão excluídos – senão da comunidade pelo menos dos encontros secretos; a segunda, que nos interessa especialmente, diz respeito à ética dessas relações, baseadas em leis consuetudinárias que vigoram na comunidade e que têm um de seus alicerces na estética. Cada membro, identificado com essas linhas e decidido a entrar seja para participar ativamente das discussões seja apenas por um certo sentimento de pertencimento simbólico de que falamos há pouco, está endossando a prevalência de um pensamento, de conduta que tende a excluir o homossexual afeminado. “Netiquetas” como essa, segundo Lévy, estão para “fazer com que os outros não percam seu tempo” (LÉVY, 1999, p. 128). A alegação geral é a de que os afeminados podem despertar suspeitas de que eles estariam dentro dos banheiros ou próximo deles para o que realmente estão.

Durante várias mensagens trocadas na comunidade, fica claro que, embora eventualmente venham a se encontrar nos banheiros, ali é um espaço de convivência anônima que serve para discutir sobre os lugares e suas qualidades e defeitos. É interessante observar que, neste caso, a força dos falsos perfis guarda um caráter simbólico muito forte da ordem do imaginário: é outra “netiqueta” também que ninguém pareça se conhecer ou seja revelado; a comunidade não permite ainda que outros temas envolvam seus membros de maneira a criar laços de amizade – quando alguém posta um assunto que não é a exclusiva e, poderia dizer, formal troca de informações sobre banheiros, rapidamente, volta-se a falar sobre um bom ambiente para encontros. Tudo isso faz parte do processo. Não conhecer é peça importante nessa engrenagem. Essa fantasia sexual propriamente se nutre do anonimato dos participantes para funcionar. E isso foi pouquíssimas vezes desestabilizado, porque não encontra ressonância nenhuma. Antes de haver brigas homéricas em que o moderador intervenha insistindo que os membros voltem a falar do que se presta a comunidade, como acontece em muitas, há na verdade uma intensa indiferença que coíbe ações nesse caminho – foi assim com uma discussão surgida sobre a AIDS na qual um dos membros sentiu-se ofendido e disse ter detalhes sobre a identidade daquele que havia sugerido que aquelas orgias poderiam fazer os integrantes contraírem o vírus; embora vociferando contra Deus e o mundo, ele é ignorado pelos demais; outro exemplo pertinente é o tópico que pede dicas de bons motéis e não recebe resposta.



Por isso estamos falando de uma comunidade que parece primar, com veemência, pelo que Lévy acredita ser a finalidade última dos agrupamentos virtuais por interesses comuns:

“Um grupo humano qualquer só se interessa por constituir-se como comunidade virtual para aproximar-se do ideal de coletivo inteligente, mais imaginativo, mais rápido, mais capaz de aprender e de inventar do que um coletivo inteligentemente gerenciado. O ciberespaço talvez não seja mais do que o indispensável desvio técnico para atingir a inteligência coletiva” (LEVY, 1999, p. 130).

Aparentemente, os objetivos aos quais se presta são atingidos: os integrantes marcam encontros, comparecem, mantêm relações sexuais em maior ou menor grau e permanecem incógnitas, sem nome, idade, indícios mais seguros de origem ou pistas que revelem parentescos. Será?

A princípio, é impossível, nas condições atuais de pesquisa, saber com segurança se os encontros acontecem de fato ou não, se a inteligência do grupo chegou a um denominador comum nos horários, datas e banheiros para saciar os desejos sexuais. Talvez pela mesma motivação que os integrantes ignoram as dicas de motéis ou as discussões sobre a AIDS, pouco se fala também sobre os resultados positivos das orgias nos shoppings, supermercados e terminais de ônibus marcadas na comunidade. Em compensação, no tópico *Grande suruba no centro dia 07/12*, as palavras de um usuário anônimo traduzem bem uma sensação que outros também expressam, a despeito do preconceito: “*Nada rola pelo orkut cara. Se quiser algo tem que ir atras ou aos locais, por aqui só furão e viadinhos. flw⁷. abração*” (sic).

Na tentativa de entender esse movimento de insatisfação que parece ir na via contrária à da tribalização nos meios virtuais é que eu me utilizo de alguns conceitos que, paradoxalmente, foram fatores culminantes para a união dessas pessoas. Se na Modernidade o passado era rejeitado como palco dos atrasos do homem e, na pós-Modernidade, o futuro é rejeitado como fonte de incertezas e impossibilidades, resta à sociedade contemporânea adotar o presente como único tempo possível para agir e pensar. É assim que o caráter tecnológico da sociedade atual com as redes telemáticas generalizadas, a Internet, a micro-eletrônica, insiste numa tendência à comunicação imediata, em tempo real de modo que a “socialidade não seria assim contratual, no sentido dos engajamentos políticos fixos ou a classes sociais definidas e estanques. Ela

⁷ Abreviação da gíria “falou”, ou seja, tchau.



seria efêmera, imediata, empática” (LEMOS, 2002, p. 4). E, se essa efemeridade, essa rapidez constitui-se como uma das características dominantes no ciberespaço, oportunizando encontros, facilitando identificações e poupando o tempo das pessoas, é verdade que também pode se constituir como fator de desagregação na medida em que possibilita os desentendidos, as mentiras e irresponsabilidades – especialmente, mas não somente, quando estamos diante de uma comunidade formada em sua maioria por usuários incógnitas que por isso mesmo não têm nome ou reputação a zelar.

Entra também no cerne da questão o fato de o ciberespaço iluminar nossas máscaras cotidianas que se mantinham na penumbra, mas corroborando igualmente para que haja luz em nossas máscaras oníricas, dionisíacas, imaginárias. Nunca pudemos executar tão bem nossos devaneios mais explosivos por um punhado seguro de minutos ou horas. Com relativa facilidade, um perfil falso, no Orkut, e uma conta falsa de e-mail fazem de um adolescente mineiro, nascido em Ouro Preto, um húngaro de dois metros de altura, ex-ator dos estúdios da Warner, nos Estados Unidos, que desistiu de tudo para morar na Bahia do lado da casa da Bethânia. Nem há a necessidade de vôos de criatividade tão altos. As fraudes bancárias, realizadas por Internet, estabelecem números de cartão de crédito para usuários fictícios, criando nomes de pessoas e de empresas falsos. Então, para a papel do *hacker*, que segundo Lemos, “mostra a contestação ao sistema, ao desvio e à apropriação tecnológica” (LEMOS, 2002, p. 9), fica a eternização que o cinema resumiu em muitos de seus filmes: o sujeito de uma inteligente frenética, contestador, viciado nas drogas sintéticas da pós-Modernidade e, principalmente, de uma habilidade surpreendente em assumir diferentes personalidades através do apuro de seus conhecimentos tecnológicos. A aura de heroísmo dessas figuras está tanto nos personagens principais das aventuras cinematográficas quanto no imaginário coletivo dos usuários.

Vejamos um caso curioso: um dos integrantes da *Banheiros de Fortaleza* que se dispôs a ser entrevistado negou participar das orgias e não foi o único. O contato com ele poderia ter parado aí se não tivesse me dado a intrigante justificativa para seu perfil, evidentemente falso, reagir às discussões, insuflar os encontros e dar detalhes sobre banheiros. Aquilo era seu objeto de estudos para um Mestrado em Psicologia. E, durante o diálogo, travado pessoalmente, deu indícios bem enfáticos de que não falava a verdade, embora ele mesmo parecesse acreditar em tudo o que estava dizendo. Entre outras coisas, teria escrito um artigo sobre o medo, um de seus temas capitais, para a revista *Caros Amigos*, na edição 182 – a *Caros Amigos* está atualmente ainda no



número 127. Trabalhava com teóricos como Sartre, Kierkegaard e Rousseau que não formam um conjunto coeso de teorias nem convergentes, nem divergentes. Enfim, se esse personagem está dedicado ou não aos estudos do comportamento dessas pessoas não nos vem ao caso agora diretamente, porque nos interessa mostrar que a manipulação e a dissimulação “sempre são possíveis nas comunidades virtuais, assim como o são em qualquer outro lugar: na televisão, nos jornais impressos, no telefone, pelo correio ou em qualquer reunião em ‘carne e osso’” (LÉVY, 1999, 129).

O que me parece de todo é que a comunidade ainda está acertando seus ponteiros. Seu projeto de permanência caminha para frente em certas direções (coesos nas discussões e no anonimato) e emperra noutras (marcam os encontros talvez sem a pretensão de comparecer, comentam de experiências que não há comprovação se são verdadeiras ou estão apenas no campo do imaginativo). No ciberespaço, quaisquer problemas, sob pena de desagregação, devem ser sanados na cooperação entre as partes. A partir do momento que a comunicação transferiu-se também para um esquema em que todos os usuários têm a oportunidade de emitir mensagens, produzir conteúdo e repassar informações para todos os outros usuários, o peso da responsabilidade dos impasses e dificuldades que porventura surjam está igualmente diluído entre os membros, peças importantes na construção diária dessa tribo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade pós-Moderna e suas contradições dão origem ao *homo estheticus*, hedonista, tribal, presenteista, eletrônico e globalizado. Esse sujeito, ator da comunicação que se produz nos meios virtuais, no ciberespaço, mantém suas relações e é mantido por elas, tem suas identidades reveladas no contato com o outro, nesses agrupamentos por interesses comuns. Assim, a prática dessa nova socialidade está na tentativa de que o coletivo possa ser mais eficiente em seu projeto de conduta que o individual. A exposição dos desejos sexuais mais recônditos em comunidades do Orkut dedicadas às taras faz parte desse contexto. Seus caracteres essenciais advêm do aprofundamento do erotismo nos *mass media* da sociedade atual.

O ciberespaço propiciou aos amantes desses encontros às cegas, nos banheiros de Fortaleza onde são mantidas relações sexuais, um ambiente virtual de convivência pacífica, pouco conflituosa, centrada em objetivos simples e ágeis. Lá pode-se trocar informações precisas e atenciosas sobre os lugares. Mas, por força das circunstâncias,



para preservar faces e identidades, usa-se muito do recurso da conta falsa que, obviamente sem controle, admite também os que estão mais empolgados em desviar caminhos e esvaziar grupos. Se os encontros acontecem ou se essas projeções permanecem no virtual, ainda é cedo para dizer, mas, apesar disso, o fenômeno da cibercultura ajudou essas pessoas a extravasarem de alguma forma sua sexualidade, em muitas das vezes escondida e recalcada. E o Orkut foi o catalisador dessas relações efêmeras, tribais e estéticas.

REFERÊNCIAS

CORREA, Cynthia. *Uma abordagem teórica sobre a formação de tribos virtuais: do banal ao intelectual*. Disponível em: <<http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/pdf/CynthiaCorrea.pdf>>. Acesso em: 15 de nov. 2007.

LEMOS, André. *Ciber-Socialidade. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Disponível em: <www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemons/cibersoc.html>. Acesso em: 15 de nov. 2007

_____. *Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina/Meridional, 2002.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAFFESOLI, Michael. *A Contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1995.

_____. *A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. *O Mistério da Conjunção*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

TRINTA, Aloísio; POLISTCHUK, Ilana. *Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática da Comunicação Social*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

SILVA, Juremir. Interfaces: Michael Maffesoli, teórico da Comunicação. *Revista Famecos*. Porto Alegre, nº 25, p. 43-48, 2004.